

© 2020 da 1ª edição by Editora BIPDH – tiragem: 2000 exemplares

Coordenação, revisão e coaching editorial: Lili Vieira

Capa: José Paulo *Letters*

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com a AACR2

V673c VIEIRA, Lili.

A Casa de Sonhos / Lili Vieira. 1. Edição – Brasília : BIPDH, 2020.

112 p.; 12cmx18cm

ISBN: 978-65-81502-00-3

1. Educação socioemocional. 2. Coaching. 3. Desenvolvimento Humano. 4 Escolha profissional. 4. Sonho. I. Título.

CDD 158.1

CDU 159.9

Elaborado por Lili Vieira

Informação bibliográfica deste livro, conforme a NBR 6023:2018 da Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT):

VIEIRA, Lili. A Casa de Sonhos. Brasília: BIPDH, 2020. 112 p. ISBN 978-65-81502-00-3.

Ao nosso irmão João Vieira (*in memoriam*) e a todos os excluídos.

Que sejam honrados pela contribuição e nos libertemos para ser o que realmente somos: autores da nossa própria história.

Embora insistamos em ser lineares, somos seres multidimensionais, conceito que busco compreender todos os dias. Por isso, impossível listar todos aqueles que contribuíram para esse projeto maravilhoso que é a Casa de Sonhos. Dos autores dos livros que li àqueles que, à época, pensei me prejudicavam com suas atitudes. A cada um de vocês, minha gratidão. Vocês fazem parte da minha história e da construção de mim mesma. Com todo o meu amor e aquele abraço de 20 segundos n'alma...

Sumário

<i>Prefácio</i>	11
<i>Apresentação</i>	13
<i>Capítulo 1 - A Árvore dos Sonhos</i>	21
<i>Capítulo 2 - A Casa de Sonhos</i>	29
<i>Capítulo 3 - O Que Sou Eu?</i>	33
<i>Capítulo 4 - Quem Sou Eu?</i>	41
<i>Capítulo 5 - O Que Faço de Melhor?</i>	45
<i>Capítulo 6 - O Que Escolho Fazer Aqui?</i>	51
<i>Capítulo 7 - Quem me Inspira?</i>	55
<i>Capítulo 8 - Como Conseguirei?</i>	59
<i>Capítulo 9 - Central de Voluntariado e Certificação</i>	63
<i>Capítulo 10 - O Círculo do Fogo Sagrado</i>	67
<i>Capítulo 11 - Biblioteca dos Sonhos</i>	71
<i>Capítulo 12 - O Centro de Cura, Desenvolvimento e Empoderamento</i>	75
<i>Capítulo 13 - Coworking e Atendimento Individual</i>	81
<i>Capítulo 14 - A Fábrica de Especialistas</i>	83

<i>Capítulo 15 - A Presenterapia de Sonhos</i>	87
<i>Reconstruindo</i>	91
<i>Referências</i>	105
<i>Apêndice - Pílulas de reflexão e empoderamento</i>	107

Prefácio

Há cerca de 8 anos, despertei para minha razão de ser: inspirar pessoas e empresas a descobrirem e viverem seu propósito, para juntos construirmos um mundo mais humano e consciente. E, ao longo dos últimos seis anos, venho me dedicando a pesquisar, estudar e aplicar os conceitos do propósito na minha vida e de milhares de pessoas através de palestras, treinamentos, workshops e livros. “Qual é o sentido da vida?” – essa é a pergunta que sempre me acompanhou. E, talvez, já tenha surgido no seu pensamento também.

Esse questionamento faz parte das reflexões do ser humano desde os primórdios da humanidade. Aristóteles (filósofo grego), por exemplo, dizia: “quando os teus talentos encontram as necessidades do mundo, ali está o seu lugar”. Mas a verdade é que o tema “propósito” nunca esteve tão presente nas nossas vidas. Essa é uma grande conquista da modernidade. E foi simplesmente incrível me conectar com um livro que aborda este tema, dentre outros aspectos do autoconhecimento, de uma forma tão leve e fluida.

Tenho uma crença muito forte: acredito que todo mundo morre, mas nem todo mundo vive. Com isso, quero dizer que respirar não é o que nos faz viver. O que nos faz viver, de verdade, é utilizar nossa respiração para dar movimento aos nossos sonhos. Mas há uma questão importante: a porta da casa aonde os seus sonhos moram só pode ser aberta por você mesmo. Só você tem o código secreto. Só você tem a chave de acesso. E você tem duas opções: utilizá-la com entusiasmo ou deixá-la empoeirar em um dos cantos da vida.

Muitas pessoas sequer sabem que essa chave existe dentro de si mesmas e vivem a vida procurando-a no mundo exterior. Algumas pessoas até sabem que a chave existe, mas decidem passar a vida inteira sem honrá-la, verdadeiramente. Simplesmente a desconsideram e vivem vidas automáticas e robóticas. Outras,

percebem a presença dessa chave e, com coragem, a utilizam intencionalmente para acessar e viver seus sonhos mais profundos e autênticos. Acredito que se essa chave tem um nome, possivelmente, é autoconhecimento.

“A casa dos sonhos” vai te ajudar a reconhecer o sonho que realmente faz seu coração vibrar. Mais que isso. Vai te estimular a dar vida a ele. Um dos trechos do livro que mais me encantaram foi: “Sonho tem que ser maior do que tudo aquilo que você já realizou. Sonho é missão positiva de mundo, guardada no coração, esperando pra ser realizada. É algo que vai além de você mesma, que faz do mundo um lugar melhor.” Esse livro será um instrumento importante para que você desperte para o que há de mais incrível no seu sistema interior. E ainda, te convocará a colocar esta preciosidade a serviço do mundo. Afinal, não faria sentido nenhum compreender seu valor se não fosse para tornar o mundo um lugar melhor. Então, como diria Fafá, a moça da Presenterapia (você a conhecerá ao longo do livro): “que você consiga ter clareza sobre o seu maior sonho e se empodere para realizá-lo!”

Ao meu ver, este livro é justamente uma materialização incrível do sonho da Lili Vieira, que nos presenteia com esta obra tão rica. E isso é fantástico, pois as palavras convencem, mas o exemplo arrasta. Nestas páginas, podemos sentir o sonho dela inspirando os seus.

Para finalizar, como diria Mário Sérgio Cortella: “a vida é curta, mas não precisa ser pequena”. Mais que um livro, você tem em mãos um convite para viver uma vida grandiosa, a partir do que realmente faz sentido pra você. E eu tenho convicção de que este convite não chegou até você por acaso. Embarque nessa jornada com o coração aberto e desfrute de cada expansão que ela provoca. Meu desejo é que ela te inspire, tanto quanto me inspirou. E ainda, que, juntos, possamos criar uma legião de sonhadores que realizam, para elevar a humanidade.

Com alma,

Kiko Kislansky
Mentor de Propósito, Escritor,
Educador Corporativo, Sonhador.

Apresentação

Era 7 de dezembro de 1979. Adriane, minha irmã mais velha, completara 10 anos de idade, 2 dias antes. Estávamos todos alvoroçados, em casa, com a chegada da Tia Stela. Voltara de Salvador, de uma daquelas viagens de conclusão do ensino médio, com a mala cheia de presentes. No meio daquela algazarra toda, ficou sabendo que meu pai viajara com minha mãe, então grávida de 7 meses, em busca de diagnóstico. Descobriram, durante os exames admissionais do Banco do Brasil (juro que não consigo imaginar como ela conseguira ser professora da 4ª série, criar 6 filhos e ainda estudar para passar naquele concurso), que estava com algum problema, mas não se sabia, ao certo, o quê.

Já era final da manhã, quando o telefone vermelho tocou na copa de casa. Minha tia, ansiosa, correu para atender. Do outro lado, meu pai, de Patos de Minas, dava a alegre notícia de que minha mãe tinha dado à luz ao terceiro menino da família. Sorridente, estava bem e o bebê também. Como tinham saído às pressas e não imaginavam que depois de 6 filhos um fosse nascer prematuro, não tinham levado a mala do bebê. Minha tia, agora mais tranquila, tinha a missão de arrumar as duas malas e despachar pelo ônibus. E lá foi ela se organizar para lhe dar cumprimento.

Poucas horas depois, observei vários carros estacionando na porta de casa. Foram entrando uma, duas, três, seis mulheres, tias de consideração. Algumas delas foram falar com a Tia Stela e as outras enveredaram-se pela casa em busca de nós, irmãos. De longe, pude perceber que o assunto, tratado de forma bem reservada, era grave. Minha tia passou mal e desmaiou. Foi levada para o quarto de minha mãe e, naquele momento, pensei: acho que minha mãe morreu.

Enquanto isso, as tias já tinham localizado todos os meus irmãos e os trouxeram, no colo ou pela mão, ao quarto onde dormíamos. Sentados na cama, começamos a ouvir a história de que existe um lugar lindo, para onde Papai do céu leva as pessoas boas...

E, ali com meus 8 anos, observando que muitos dos meus irmãos nem compreendiam o que estava sendo dito, escolhi ter paciência para ouvir toda a história que apenas confirmava minha certeza: minha mãe tinha morrido, mesmo.

Fomos levados à casa de Tia Dainha, também irmã de minha mãe que, mais tarde soube, se voluntariou, junto com as outras, para criar um ou dois de nós.

No dia seguinte chegamos à nossa casa, ainda pela manhã. E lá estava minha mãe, linda, no seu robe verde-água preferido, deitada em um caixão que, na minha mente infantil, devia ser de carvalho (no livro da Cinderela, fazia-se referência a esse tipo de madeira). Nunca me esqueci da pequena flor bordada no lado esquerdo do robe. Meu pai pegou minha irmã caçula, então com um ano e meio, no colo, elevou-a para que conseguisse ver e perguntou:

— Está vendo, Meli? É a mamãe. Ela dormiu aqui, para acordar no céu.

Não nos levaram ao enterro. Voltamos à casa de minha tia, que ficava na mesma rua. Meu pai viajou novamente à Patos de Minas, onde nosso irmão caçula estava internado. No dia seguinte ele também faleceu e lá mesmo foi enterrado. Não tivemos a oportunidade de conhecê-lo e ninguém, em casa, tocou mais no assunto.

Aquele foi o Natal em que ganhamos mais presentes.

As férias corriam rápido. Com 8 anos eu já ia à catequese sozinha, pois o Convento ficava a menos de 500 metros de casa, bastando atravessar uma rua. Naquele dia encontrei uma amiga da escola. Tinha a mesma idade que eu. A missa e a catequese terminavam às 11h. Minha amiga resolveu dar uma passadinha lá em casa, afinal sua mãe só terminaria o almoço lá pelas 12h. Conversa vai, conversa vem, ela olhou para os lados e perguntou:

— Ué, Lili, cadê sua mãe?

— Ela morreu. Eu disse, entristecida.

Cláudia arregalou os olhos, demonstrando total estranhamento com a resposta.

— Como assim, morreu?

— Morreu, ué.

— Mas, antes da gente sair de férias ela estava boazinha, dando aula lá na escola... Ela não estava grávida?

— Estava, mas ela morreu. Deve ter pouco mais de um mês. E o neném também morreu.

Cláudia ficou estarelecida. Empostando a voz, com ar de censura, respondeu:

— Ô Lili, a gente não fala que a mãe da gente morreu, se ela não morreu. Isso é até pecado. Você está inventando isso? Está pensando que é que nem aquela brincadeira besta que os meninos fazem quando a gente deixa o chinelo virado. Pare de besteira, pare de falar que a sua mãe morreu!

Olhei atônita para minha amiga. Como ela poderia não acreditar no que eu estava falando, se era a mais pura verdade?

— Mas eu estou falando a verdade, Claudinha. Interrompi-a. — Ela morreu.

— Pare de mentir, Lili!

Cláudia estava estupefata com a notícia. E, de tão indignada, simplesmente me deu as costas e foi se embora.

Fiquei ali, perplexa, vendo-a sair, tomando o rumo de casa. Olhei para os lados e me vi sozinha. E, como ninguém presenciou aquela cena surreal, guardei-a comigo por mais de 40 anos, sem dizer nada a ninguém. Até que escolhi me curar.

— Alguns meses depois, minha Tia Stela “casou e mudou”. É bem verdade que já completara um ano de namoro, mas pelo visto não era bem o que ela queria.

Veio, então, morar conosco, uma prima de Patos de Minas que adorava fazer bolinho de arroz e fazia um empadão de frango maraviado. Mas eu ainda sentia falta dos docinhos de queijo que minha mãe fazia e deixava enfeitados com pequenos cravos da índia em farta tigela de calda caramelizada de açúcar, na geladeira.

Naqueles dias, fui eu fazer as compras de casa, no mercado. Alguém me entregou uma longa lista. Meu pai me deixou no mercado e lá fui eu cumprir a nobre missão. A barra de ferro do carrinho ficava na altura dos meus olhos. Para enxergar à frente,

precisava ficar na ponta dos pés ou me abaixar. Ao concluir a lista, imaginei que meu pai estaria me esperando no caixa ou na porta do mercado, mas não. Lá fiquei eu a esperar pelo menos uns 10 minutos, envergonhada, por não ter dinheiro para pagar...

Logo ele apareceu. Pagou e fomos para casa. Embora feliz por ter cumprido aquela missão, levei uma bronca e tive meu primeiro aprendizado sobre como comprar frutas e verduras. Peguei o maior chuchu da banca e descobri que nem tudo que é grande é o melhor.

Meu pai tinha 49 anos. Era um cara sábio, sereno, bonitão e bem humorado. Atributos que não compensavam a quantidade de filhos ainda por criar. Para muitas pessoas, uma tarefa impossível. Para o meu pai, um casamento necessário para manter a família unida, diante das propostas de adoção segmentada de nós irmãos. Uma pessoa muito corajosa aceitou o desafio e em menos de 1 ano da morte de minha mãe, meu pai já estava casado.

Todos levaram um susto, inclusive nós. Logo, nossa prima foise embora, também, após brigar com minha madrastra, por uma tesoura.

Já com meus 9 anos de idade, senti a necessidade de proteger meus irmãos. Por muitas vezes, ouvimos, o que sei acontecer também vindo de pai e mãe, que não íamos prestar, que não servíamos para nada, que só atrapalhávamos.

Não foi fácil para nós e, com certeza, também não foi para ela. Imagine criar 6 filhos que não são seus, que não te aceitam e que muitas vezes repetiam: você não é nossa mãe! Vai embora! Essa casa não é sua! E o pior é que, muitas vezes, pessoas que nos amavam, reforçavam esse comportamento negativo, referindo-se a ela como “a bruxa”!

Erramos todos, tentando acertar. Aprendemos e sobrevivemos muito bem, com a graça de Deus.

Aos 13 anos, quando estava para concluir o ensino fundamental, vislumbrei uma saída.

Na minha cidade, não havia faculdade. E eu, que sempre tive sede de conhecimento, não me contentaria em parar após o ensino médio. Naquela época, você fazia Normal, para ser professora; Contabilidade; ou Científico, se quisesse entrar para faculdade, o

que era muito difícil. As particulares eram poucas e as públicas muito concorridas. Embora eu gostasse de gente, não achava que tinha jeito para ser professora; não me via trabalhando com números para o resto da vida, mas ahhh, o científico! Esse me encantava. Tinha que convencer meu pai a pagar meu ensino médio, porque não tinha científico na escola pública e já começar a prepará-lo para minha mudança de cidade, para fazer faculdade.

Primeira etapa vencida. Agora, já no segundo ano, comecei a pensar que curso eu faria. Naquela época, não tinha internet, muito menos Google. A única fonte de conhecimento eram as pessoas, uma visita ao MEC que ficava em Brasília e tchan tchan tchan... o Guia do Estudante.

Acho que foi Paulinha, minha amiga que trabalhava na banca, que me contou sobre a existência dessa revista, que era publicada todos os anos, atualizando cursos superiores do Brasil inteiro. Fiquei empolgadíssima com essa possibilidade, mas não tinha dinheiro para comprar. Pedir dinheiro ao meu pai, que tinha, à época, 8 filhos, estava fora de cogitação. Não sei ao certo, como consegui. Talvez lavando e vendendo umas garrafas de pinga e cerveja que estavam no fundo do quintal. De vez em quando, fazia isso para comprar pão de queijo na venda do sr. Orcy. Ainda dá água na boca só de lembrar do sabor do queijo se derretendo na boca, com um gole de café quente...

No dia em que comprei a revista fiquei maravilhada! Devo ter folheado e passado curso por curso umas 20 vezes, mas em êxtase fiquei quando encontrei o curso “Arqueologia”. Tive a certeza que era aquele. Estudar e viajar o mundo em busca de artefatos para descobrir sobre a história da humanidade e a evolução do conhecimento. Uau! Era eu! Ao pé da página, do lado esquerdo, entretanto, descobri que só haviam duas universidades que ofereciam o curso: no Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul.

Para quem nunca tinha saído de Unaí, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul pareciam estar muito mais distantes do que os milhares de quilômetros que nos separavam.

E meus irmãos? Eu não conseguia conceber, salvar-me, sozinha daquela situação em que vivíamos. Eu sairia para estudar, sim, para abrir caminho e não para fugir.

Continuei folheando, mas nada encontrei de mais empolgante. Direito piscou para mim, talvez porque minha madrastra vivia dizendo que eu era a defensora lá de casa.

Além de escolher o curso, tinha que encontrar um jeito de pagar as contas quando me mudasse.

Fui à Brasília fazer o concurso do Tribunal Federal de Recursos em 1988, ainda com 17 anos: prova objetiva e, aprovada, a de datilografia. Passei, mas, em outubro, foi promulgada a nova Constituição Federal e o órgão foi extinto. Em seu lugar, criou-se o Superior Tribunal de Justiça. Nunca fui chamada. Em contrapartida, conheci pessoas que me ofereceram casa, caso quisesse me mudar para Brasília. Arrumei um emprego de caixa no Fujioka do Conjunto Nacional. Matei, assim, todas as objeções que meu pai pudesse, eventualmente, ter quanto a minha saída.

Esperei completar 18 anos no dia 02 de março e alguns dias depois, lá estava eu, sozinha na Rodoviária de Unai, pegando o ônibus verde e amarelo da Santa Izabel para Brasília. Fui fazer cursinho, para o vestibular de julho. Na hora da inscrição para o vestibular, pensei, já que não posso trabalhar com o que amo, fazendo arqueologia, do que mais gosto? Que outros cursos posso fazer em Brasília?

Pensei... Hummm... Gosto de plantas. Naquela época, o único curso que tinha a ver com plantas era Biologia (que não era específico) ou Agronomia, que tinha mais a ver comigo. Não passei. Fiz mais 1 semestre de cursinho e, no vestibular da Unb, de novo, não passei. Concluí que não poderia perder mais tempo. Então pensei:

— Já que não consegui na federal, o que tem na particular? Se eu parar de fazer cursinho, consigo pagar a faculdade.

Estranhamente, as opções das particulares eram muito parecidas com o ensino médio: Pedagogia, que eu achava não levar jeito; Contabilidade, que eu tinha certeza que não queria; Administração e Direito. Direito tinha uma disciplina que tinha a ver com a Arqueologia: Direito Romano. E foi o que me fez decidir e, realmente, amei estudá-la, com o melhor professor do mundo. Cabelos totalmente grisalhos, talvez de minha altura, pouco mais de 1,5 metro e muita sabedoria.

De lá para cá, sempre fiz o melhor que podia e cheguei aonde cheguei, fazendo mestrado em Direito Público, sendo professora universitária, escrevendo livros e artigos para a área, adquirindo casa própria no melhor lugar de Brasília, sendo diretora de várias empresas, inclusive de advocacia, com chefe, que depois tornou-se um sócio maravilhoso... Mas, tudo isso que parecia perfeito aos olhos dos outros, estava incompleto para mim mesma. Parece que quanto mais alto eu chegava, mais vazio eu sentia. A distância entre aquilo que eu vivia e o meu sonho de vida, foi me deixando cansada, triste...

Foi aí que eu comecei a buscar, com mais vontade, e pedir a Deus clareza sobre o meu propósito de vida e perguntei, muitas, muitas, muitas vezes ao longo de 5 anos: Senhor, será que estou no caminho certo? Estou cumprindo a missão, o papel que me cabe nesse plano maior, para fazer do mundo um lugar melhor? Dai-me a clareza necessária para que eu acerte e cumpra aquilo com o qual me comprometi na verdadeira vida, que é a vida espiritual. Que eu seja instrumento da vossa luz e da vossa paz!

Mas, foi somente depois de reconhecer que precisava de ajuda e pedi-la a muitas pessoas que praticavam as mais diversas terapias, que iniciei a minha cura. E, em um sábado de Aleluia, recebi a intuição da “Casa de Sonhos: um espaço de desenvolvimento humano integral e positivo”, que descrevo nessa singela obra.

Que você, assim como eu, honre a sua história e resgate o seu maior sonho para transformá-lo em um projeto de vida, porque sonho é visão positiva de mundo, guardada no coração, esperando para ser realizada.

Com amor,

Lili Vieira

Capítulo 1

A Árvore dos Sonhos

Lia andava a passos rápidos pela calçada, que levava à empresa onde trabalhava. Já faziam 15 anos e ela sempre se esforçou por fazer o melhor. Até por isso, tinha conquistado o posto mais alto da empresa, antes da sócia-fundadora.

Todos os dias estava a postos às 7h30 da manhã, quando abria a empresa, permitindo o acesso dos demais colaboradores. Naquele dia, saíra de casa apressada. Perdera o sono durante a noite e, adormecendo já ao alvorecer, não acordou a tempo de arrumar, como fazia todas as manhãs, de forma impecável, os cabelos cor de mel.

Mesmo atrasada, não deixou de notar no caminho que fazia, todos os dias de forma automática, a faixa-convite para inauguração de uma tal “Casa de Sonhos”.

Lia não se considerava uma sonhadora. Aliás, tinha muito os pés no chão, desde criança. As muitas responsabilidades e tantas contas para pagar não lhe permitiam se dar a esse luxo. Pensava apenas em trabalhar, entregando o melhor, para garantir o pagamento das contas ao final do mês.

Tinha uma chefe exigente e aprendera muito com ela ao longo dos anos. Era grata por ter um trabalho, uma casa, um carro. Às vezes, a chefe perdia o controle e tomava uma atitude excessiva. Pequenos erros se transformavam em verdadeiras quimeras, motivos para xingamentos, negatividade, caras feias e tudo isso contaminava muito aquele ambiente, que nem sempre era agradável. Lia aprendera a lidar com isso.

Naquele dia, tudo correu bem e com mais tranquilidade: a chefe viajara a trabalho. Isso deu a Lia a chance de se lembrar da faixa que vira no caminho. No início, pensou que fosse propaganda de programa da casa própria, mas logo abaixo estava escrito “desenvolvimento humano integral e positivo”. A frase chamara-lhe mais a atenção do que “Casa de Sonhos”.

Afinal, para Lia, o sonho parecia ser algo muito distante, impossível, até, de ser realizado, uma fantasia. Lia não tinha muitas ambições. Queria apenas ter, no final do mês, o suficiente para pagar as contas e continuar levando a vida de maneira confortável.

Alguns anos antes, tivera a chance de sair da sua cidade e estudar arquitetura. A pequena mudança, entretanto, exigia uma dose grande de coragem e o desapego das várias coisas e do conforto que Lia adquirira naquela pequena cidade. Além do mais, muito apegada à família, achava que precisava estar sempre ali, por perto, para dar o suporte, caso fosse necessário.

Assim, preferiu abrir mão do sonho. Foi fazer Administração, o que lhe garantiria o alto posto na empresa em que estava. Mas, parecia faltar alguma coisa...

No dia seguinte, Lia acordara no horário e, como de costume, escolheu a roupa combinando com os acessórios, arrumou os cabelos impecavelmente, maquiou-se e saiu de casa com um propósito anterior: descobrir onde seria a inauguração da tal Casa de Sonhos.

Ao passar pela faixa, reduziu a velocidade e fotografou-a:

Casa de Sonhos

Desenvolvimento Humano Integral e Positivo

Junte-se a nós e permita-se passar para o próximo nível!

Mostra inaugural, sábado, 9h, na Rua do Arpoador, 27.

A inauguração aconteceria naquele sábado, às 9h e Lia fizera uma escolha:

— Amanhã passo por lá, para saber exatamente o que é essa Casa de Sonhos. Pensou ela, consigo mesma.

Naquele dia, Lia acordou animada, ainda sem saber, exatamente, porquê. Iria à inauguração por curiosidade. Nunca fora uma sonhadora, não que se lembrasse.

Arrumou-se de forma simples, do jeito que gostava de passar o fim de semana. Vestido solto, o cabelo ondulado caindo sobre os ombros, o brinco de argola de prata que ganhara da avó, sandálias rasteiras. A pequena bolsa de couro finalizava o visual de fim de semana. Gostava de se sentir, assim: livre leve e solta. Um pouco diferente da postura que assumia, durante a semana, no trabalho.

Passou correndo pela cozinha organizada. Tomou meia xícara de café e ensaiou comer um pedaço de bolo, mas desistiu com pressa de chegar à inauguração.

Lia chegou bem na hora marcada (respeito era um de seus valores mais elevados), mas já havia por ali um burburinho de pessoas e, da esquina, percebeu uma energia diferente de qualquer outra que sentira antes.

Da entrada principal, conseguia contemplar uma linda árvore florida, uma árvore que só vira tão florida pela TV ou livros. Um magenta profundo, quase vermelho. Estranhou a exuberância das flores, afinal, nem era Primavera.

Deu o primeiro passo e antes de chegar ao que parecia ser um ipê roxo, se viu entre árvores, cuja sombra convidava ao descanso em um dos inúmeros banquinhos de madeira dispostos, como se integrassem a paisagem. O canto dos pássaros reforçava o convite e pequenas chaves com o que pareciam ser mensagens pendiam dos galhos das árvores. Lia teve vontade de sentar, mas a curiosidade a levou adiante.

Antes de chegar à árvore, porém, percebeu um movimento alegre por parte de algumas pessoas, mas preocupado por parte de outras... Cada uma tinha um pequeno coração em forte cor-de-rosa, que aberto, transformava-se em uma flor. Lia percebeu que eram as mesmas flores que estavam fixadas na árvore, presas com laços de

nylon e pequenas contas transparentes, que embora estivessem figurando como miolo, mais pareciam gotas de orvalho.

Uma ou outra pessoa fixava, naquele momento, as flores na árvore. Lia ficou curiosa. O quê, exatamente, as pessoas escreviam naquelas flores?

Do centro de um octógono que se projetava no chão, delimitado por pequenos bancos de madeira rústica, a 3 degraus acima, surgia, deslumbrante, a árvore. Com mais ou menos 2 metros, a árvore também estava coberta por um octógono de acrílico que filtrava a luz do sol que se refletia nas flores já fixadas e nos cabelos de quem por ali estava. Lia ficou ali parada, apenas contemplando.

De repente, alguém puxou-lhe a barra da saia. Lia olhou para baixo e seus olhos pousaram sobre os olhos vívidos de uma menina de cabelos encaracolados. Tinham a mesma cor de sua pele bronzeada.

— Já escreveu seu sonho? Perguntou ela.

Lia conteve sua curiosidade.

Abaixando-se, sentou no banquinho de madeira, ali perto e disse:

— Eu sou Lia. E, batendo levemente no banco, convidou a garota a sentar com ela.

— Eu sou Bia. Disse a pequena, estufando o peito, orgulhosa de apresentar-se.

Lia sorriu. Olhou bem nos olhos da garota que parecia ter pouco mais de 4 anos e perguntou:

— Bia, você pode me explicar essa história de sonho?

Os olhos da garota brilharam e sorridente, pela receptividade, explicou:

— Sonho tem que ser maior do que tudo aquilo que você já realizou. Sonho é missão positiva de mundo, guardada no coração, esperando pra ser realizada. É algo que vai além de você mesma, que faz do mundo um lugar melhor.

Lia, encantando-se cada vez mais, preferiu demonstrar sua curiosidade:

— E qual é o seu maior sonho de vida, Bia?

A garota abriu um sorriso largo e disse com todas as letras:

— Eu serei arqueóloga de sonhos.

Contendo o riso e o espanto, Lia, então, pergunta:

— E como você fará do mundo um lugar melhor com esse sonho?

Bia, elevou os olhos acima da cabeça de Lia e, como se pescasse no ar a resposta, disse:

— Vou ajudar as pessoas a resgatarem seus sonhos e mostrar a elas que é possível, por meio do conhecimento, do trabalho, da associação e da palavra realizá-los.

Lia ficou espantada, mas logo percebeu que aquelas palavras estavam escritas bem acima de sua cabeça, em um dos pilares de madeira que delimitavam o espaço do octógono:

Aqui alimentamos "o sonho, o conhecimento, o trabalho, a associação e a palavra."

Fingiu que não vira e olhando, ainda admirada para Bia, perguntou:

— E o quê, exatamente, isso quer dizer, Bia? Você consegue me explicar bem direitinho?

Bia desceu do banco e com atitude séria, de pé em frente a ela, disse:

— Bem, bem eu não consigo, mas conheço a pessoa certa que consegue.

E saiu correndo, deixando Lia, ali, extasiada com aquela conversa e se perguntando o que tudo aquilo queria lhe dizer.

Enquanto Bia não retornava, Lia pôs se a observar os outros sete pilares que sustentavam a cúpula que protegia a árvore, que agora ela sabia ser a árvore dos sonhos.

Lia deu dois passos para direita e identificou no **segundo pilar:**

Aqui respeitamos os 4 compromissos toltecas:

- a) seja impecável com sua palavra;*
- b) não tire conclusões, faça perguntas;*
- c) não leve nada para o lado pessoal;*
- d) faça sempre o melhor que puder.*

Lia poderia ficar o resto da manhã apenas refletindo sobre aqueles compromissos, mas quando percebeu seus olhos já estavam no **terceiro** pilar que dizia, simplesmente:

"Conhecereis a verdade e a verdade vos libertará."

Jesus

Aquela frase impactou profundamente a mente de Lia, que ficou se perguntando:

— Que verdade é essa que pode me libertar?

Se sentiu mal diante da possibilidade de estar vivendo ou acreditando em algo que a aprisionasse, de alguma forma, mas logo abaixo Lia identificou a autoria da frase: Jesus. Asserenou a sua mente e, seguindo em frente, se deparou com o **quarto** pilar:

"Todo mundo é um gênio, mas se um peixe for avaliado pela sua capacidade de subir em uma árvore passará a vida inteira, achando que é estúpido."

Einsten

Ela mais uma vez se perguntou:

— Será? Até sou inteligente, mas nunca fui um gênio... Caramba, pensou, mas quem disse isso foi um dos maiores gênios da humanidade! Alguém que acreditava em Deus, sim, e que foi capaz de revolucionar a Física.

No **quinto** pilar, a frase parecia complementar a anterior:

"Conhece-te a ti mesmo. Os que conhecem a si mesmos sabem o que lhes é útil e discernem o que podem do que não podem fazer. Realizando o que está em seu poder, conseguem o necessário e vivem felizes."

Sócrates

Essa era de Sócrates. Lia pouco sabia sobre ele. Apenas que era um filósofo da antiguidade, que fora obrigado a tomar cicuta, por estimular os jovens a pensar...

Lia fez uma pausa, entre aquele pilar e o **sexto**. De longe, avistou Bia, puxando uma senhora de cabelos curtos e alvos, pela mão.

Passou os olhos rapidamente pelos três últimos pilares...

Eu sou um ser humano magnífico. Sou luz no mundo.

Ninguém é tão pobre que não possa dar, nem tão rico que não possa receber.

Somos todos um!

E foi aguardar Bia com a senhora que se apresentava sorridente.

Capítulo 2

A Casa de Sonhos

Bia se apresenta com a respiração ofegante e os cabelos levemente desarrumados, denotando seu esforço e pressa para cumprir a missão. O brilho nos olhos, pela satisfação de ter alcançado seu objetivo, parecia compensar qualquer desconforto.

Lia sorri para a Bia e levanta os olhos para a senhora que se apresenta:

— Você deve ser a Lia?! Seja muito bem-vinda à Casa de Sonhos! Eu sou Clara. Esse ser divino e magnífico me convenceu que deveria estar aqui e agora com você. Como posso te ajudar? Diz ela, abrindo os braços para recebê-la.

Lia sorri, recebe o abraço e pergunta:

— Nossa! Só fiquei aqui 9 minutos e tenho muitas, muitas perguntas. Mas vou começar com a principal:

— O que é, exatamente, a Casa de Sonhos?

Clara sorri.

— É esse espaço de liberdade de sonhar, criado a partir de uma metodologia, um passo a passo que tem por objetivo ajudar as pessoas a identificarem/resgatarem seus sonhos e, por meio da organização do conhecimento, do trabalho (voluntário ou não), da associação às pessoas certas, do poder da palavra ajudarem-nas em sua realização, para fazerem do mundo um lugar melhor.

Lia sorriu para Clara e, piscando para Bia disse:

— Então, o que Bia me disse sobre ter um sonho que é maior do que tudo aquilo que eu já conquistei é realmente possível com esse passo a passo?

— Sim, com certeza! Asseriu Clara, com brilho nos olhos e uma energia contagiante.

— O tamanho do sonho é você quem escolhe, de acordo com o seu desenvolvimento. No nível mais básico de sonho/missão, você apenas se desenvolve. Nesse nível, em geral, a pessoa está no modo sobrevivência e o sonho, aqui, a ajuda a chegar no modo vivência. Ela ultrapassa o ser e passa a se preocupar também com as pessoas a sua volta e acertar-se com elas. Feito isso, ela pode passar ao modo supervivência. Aqui ela percebe que é coautora da própria história e pode, com seus talentos, forças, competências e habilidades, ajudar muito mais pessoas. Ela se empodera, se torna um herói, um instrumento do Divino capaz de fazer milagres e de tornar o mundo um lugar melhor para se viver.

— Quanto mais alto você sonhar, mais alto vai fixar o sonho que está registrado no seu coração, para que possa florescer no mundo real.

Lia ficou reflexiva por alguns instantes e perguntou:

— E como faço isso?

— Para isso acontecer e te trazer mais felicidade no caminho, você precisa:

- a) se comprometer com você mesma e com os outros;
- b) respeitar seus valores e os princípios estabelecidos nos pilares da Casa de Sonhos não somente aqui, mas na sua vida;
- c) *smartirizar* o seu sonho.

Lia piscou os olhos e levantou a cabeça levemente, com ar de dúvida:

— Como assim?

— Consegue ver os intervalos da estrela que circunda a árvore dos sonhos? Perguntou Clara.

— Sim. Assentiu Lia.

— Independentemente do tamanho do seu sonho ele deve ser alcançável, positivo, deve ser iniciado e mantido por você, deve ser ecológico e os recursos que você precisa para realizá-lo devem estar à disposição.

Enquanto falava, Clara percebia a sobrancelha esquerda de Lia elevar-se e a testa franzir...

Clara respirou, enquanto esboçava um leve sorriso, elevou os olhos serenos e disse:

— Pois bem! Dizem que um exemplo vale mais que mil palavras. Vou te dar um exemplo para ficar mais claro. A maioria das pessoas chega aqui dizendo que o seu maior sonho de vida “é ser feliz!”

O rosto de Lia começou a se iluminar e quando ia dizer que o seu também, Clara continuou...

— Ocorre que esse sonho nada tem de específico. Aliás, esse sonho é comum a todos nós seres humanos funcionais. Se esse é o seu caso, procure especificar seu objetivo, fazendo-se perguntas. O quê, exatamente, te faz feliz? Trabalhar com pessoas? Certo. Com o que, exatamente, você gostaria de trabalhar? Deixá-las mais bonitas? Como você pode deixar as pessoas mais bonitas? Cuidando das sobrancelhas delas, fazendo e pigmentando... São infinitas possibilidades, mas é importante que você escolha apenas uma.

— Ahhhh... eu quero ter meu próprio estúdio de *designer* de sobrancelhas. Show! Agora que você conseguiu especificar seu objetivo, como vamos mensurar se você conseguirá ou não realizá-lo. E continuou, Clara:

— Esse objetivo é alcançável? Sim, é, considerando que moro em uma cidade com mais de 200 mil habitantes; que já fiz alguns cursos sobre essa prática; que gosto de fazer isso e faço muito bem feito...

— É relevante? Sim. Consigo deixar as pessoas mais felizes, mais motivadas, com autoestima mais elevada... Então, é relevante.

— Quando você quer isso?

Clara continuava a fazer o diálogo consigo mesma, para que Lia compreendesse:

— Bem. Se eu estabelecesse o prazo de 1 ano, possivelmente não seria alcançável, mas se eu trabalhar, fazendo pelo menos 5 sobancelhas, conseguirei R\$ 250,00 por dia. Multiplicado por 22, se eu quiser o sábado e domingo para a família, então obterei R\$ 5.100,00 por mês. Deste valor, deduzo todos os meus custos, sobra 4.000,00. Pago minhas contas e sobra R\$ 1.000,00 para eu investir todo mês. Para eu montar meu próprio estúdio, vou precisar ter um aparelho X-10, outro Y-3, os equipamentos de *a* a *j*. Se tudo isso custa R\$ 20.000,00, então sim. Em 3 anos, posso ter meu próprio estúdio, incluindo recursos para decorar do meu jeito.

Enquanto Clara falava, Lia tentava acompanhá-la naqueles cálculos todos e nas respostas a tantas perguntas. Asserenou o rosto, mostrando que havia compreendido, mas ficou reflexiva por alguns instantes e então afirmou:

— Acho que sei como “*smartirizar*” meu sonho, mas antes disso preciso descobrir o quê, exatamente, quero realizar.

Clara sorriu.

— Não se preocupe, Lia. Não saber o que quer ser, ter ou fazer em 20 anos é muito mais comum do que você imagina. O simples fato de você estar aqui, hoje, nos alegra profundamente, pois mostra que você está buscando assumir as rédeas de sua própria vida. Por isso, criamos um lugar especial para você contemplar a si mesma e se conhecer melhor. Você pode começar por ali.

Clara apontou um pequeno espaço de cor azul, onde se lia “O que sou eu?”

Capítulo 3

O Que Sou Eu?

Lia andou devagar pelo caminho de pedras, ainda refletindo sobre tudo o que ouvira. A voz doce de Clara, embora a acalmasse, não fora suficiente para manter sua serenidade. Sabia que aquele era um caminho sem volta. O caminho do autoconhecimento, de onde ela certamente retornaria muito melhor do que fora. Esse pensamento a fez apressar o passo. Escolhia aquele caminho. Por mais doloroso que pudesse ser, e nem sabia se seria, parecia a escolha certa a fazer.

Ao se aproximar do primeiro ponto de contemplação, percebeu pessoas saindo, dali, mais iluminadas. Não sabia se era reflexo da cor azul ou da luz interior de cada uma... Antes mesmo de entrar, sentiu o cheiro doce de sândalo, que impregnava suavemente o ambiente, quase que acolhendo em um abraço.

De frente à porta de entrada, ouviu uma música suave, mas diferente, e viu um espelho que refletia sua imagem. Lia gostou do que viu. Acima do espelho, uma frase: **o que é você?**

Lia estranhou. Nunca tinha parado para pensar sobre o que era, mas sim quem era.

Olhando à esquerda, deparou-se com uma imagem já conhecida dos livros de História, Ciências e Artes. Ao aproximar-se, lembrou: Leonardo da Vinci, um dos maiores gênios da humanidade. A princípio, o desenho incomodava, talvez pelo preconceito e convenções sociais de que os órgãos genitais não devem estar à mostra. Lia elevou o pensamento, superando esse fato rapidamente. Focou-se em tentar entender o que o desenho como

um todo significava. E, logo abaixo dele, encontrou um quadro com a explicação:

